

# Dagon

H.P. Lovecraft



**LivroXandria**



# LivroXandria

## **Sobre a obra:**

A presente obra é disponibilizada pela equipe [LivroXandria](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo de domínio público com qualidade e boa formatação, para fins acadêmicos, estudos e lazer.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel ou qualquer uso comercial do presente conteúdo.

## **Sobre nós:**

LivroXandria é um incrível projeto que compartilha livros de domínio público em formatos PDF, EPUB e MOBI de maneira totalmente gratuita. Seu objetivo principal é proporcionar uma formatação cuidadosa e otimizada, possibilitando uma experiência de estudo e conhecimento ainda mais enriquecedora.

Ao disponibilizar essas obras clássicas e atemporais, LivroXandria abre portas para que pessoas de todo o mundo possam explorar e desfrutar do vasto universo literário, promovendo assim o acesso democrático à cultura e ao saber. É uma iniciativa louvável que valoriza a disseminação do conhecimento e o poder transformador da leitura.





**LivroXandria**

# Dagon - H.P. Lovecraft

---

Estou escrevendo isso sob uma tensão mental apreciável, já que esta noite eu não estarei mais. Sem um tostão, e ao final do meu suprimento da droga, que por si só torna a vida suportável, não aguento mais a tortura; e vou me jogar desta janela do sótão para a esquálida rua abaixo.

Não pense, por causa da minha escravidão à morfina, que sou fraco ou degenerado. Depois de ler essas páginas rabiscadas às pressas, você pode adivinhar, embora nunca compreenda totalmente, por que devo ter ficado louco ou morrido.

Foi em uma das partes mais abertas e menos frequentadas do amplo Pacífico que o pacote do qual eu era supercarga foi vítima do invasor marítimo alemão.

A grande guerra estava então no início, e as forças oceânicas dos Hunos não haviam afundado completamente até sua degradação posterior; de modo que nossa embarcação foi transformada em um prêmio legítimo, enquanto nós, de sua tripulação, éramos tratados com toda a justiça e consideração que nos eram devidas como prisioneiros navais.

Tão liberal, de fato, foi a disciplina de nossos captores que, cinco dias depois de sermos capturados, consegui escapar sozinho em um pequeno barco com água e provisões por um bom período de tempo.

Quando finalmente me vi à deriva e livre, eu tinha pouca ideia do que estava ao redor. Nunca fui um navegador competente, só consegui adivinhar vagamente pelo sol e pelas estrelas que eu

estava um pouco ao sul do equador. Sobre a longitude, eu não sabia nada, e nenhuma ilha ou litoral estava à vista.

O tempo continuou bom e, por incontáveis dias, eu flutuei sem rumo sob o sol escaldante; esperando por algum navio que passasse ou ser lançado nas margens de alguma terra habitável. Mas nem o navio nem a terra apareceram, e comecei a me desesperar em minha solidão diante da imensidão imponente de um azul ininterrupto.

A mudança aconteceu enquanto eu dormia. Nunca saberei seus detalhes; pois meu sono, embora conturbado e infestado de sonhos, era contínuo. Quando finalmente acordei, descobri que estava meio sugado por uma extensão viscosa de lama negra infernal que se estendia ao meu redor em ondulações monótonas até onde eu podia ver, e na qual meu barco estava aterrado a alguma distância.

Embora se possa imaginar que minha primeira sensação seria de admirar uma transformação tão prodigiosa e inesperada do cenário, na realidade fiquei mais horrorizada do que espantada; pois havia no ar e no solo podre uma qualidade sinistra que me resfriou até o âmago. A região estava pútrida com carcaças de peixes em decomposição e de outras coisas menos descritíveis que eu vi saindo da lama nojenta da planície sem fim.

Talvez eu não deva esperar transmitir em meras palavras a hediondez indescritível que pode habitar no silêncio absoluto e na imensidão estéril. Não havia nada dentro da audição e nada à vista, exceto uma vasta extensão de lodo negro; no entanto, a própria completude da quietude e a homogeneidade da paisagem me oprimiram com um medo nauseante.

O sol brilhava de um céu que me parecia quase preto em sua crueldade sem nuvens; como se refletisse o pântano sob meus pés. Ao entrar no barco encalhado, percebi que apenas uma teoria poderia explicar minha posição. Por meio de uma agitação

vulcânica sem precedentes, uma parte do fundo do oceano deve ter sido lançada à superfície, expondo regiões que por incontáveis milhões de anos permaneceram escondidas sob profundidades aquáticas insondáveis.

Tão grande era a extensão da nova terra que havia surgido abaixo de mim, que eu não conseguia detectar o menor ruído do oceano agitado, forçar meus ouvidos por mais que pudesse. Nem havia aves marinhas para caçar as coisas mortas.

Por várias horas, fiquei sentado pensando ou meditando no barco, que estava deitado de lado e oferecia uma leve sombra enquanto o sol se movia pelo céu. Com o passar do dia, o solo perdeu um pouco de sua viscosidade e parecia provável que secasse o suficiente para fins de viagem em pouco tempo.

Naquela noite, dormi pouco e, no dia seguinte, fiz para mim um pacote contendo comida e água, preparatório para uma viagem terrestre em busca do mar desaparecido e de um possível resgate.

Na terceira manhã, encontrei o solo seco o suficiente para caminhar com facilidade. O cheiro do peixe era enlouquecedor; mas eu estava muito preocupado com coisas graves para me preocupar com um mal tão pequeno e parti com ousadia para um objetivo desconhecido.

Durante todo o dia, segui em direção ao oeste, guiado por um monte distante que se elevava mais alto do que qualquer outra elevação no deserto ondulado. Naquela noite, acampeei e, no dia seguinte, ainda viajei em direção ao monte, embora esse objeto parecesse pouco mais próximo do que quando o avistei pela primeira vez.

Na quarta noite, alcancei a base do monte, que acabou sendo muito mais alta do que parecia à distância; um vale intermediário o projetando em um relevo mais nítido da superfície geral. Muito cansado para subir, eu dormia na sombra da colina.

Não sei por que meus sonhos foram tão selvagens naquela noite; mas antes que a lua minguante e fantasticamente gibosa tivesse subido muito acima da planície oriental, eu estava acordada em uma transpiração fria, determinada a não dormir mais. Essas visões que eu havia experimentado eram demais para eu suportar novamente.

E no brilho da lua, vi o quão imprudente eu tinha sido viajar durante o dia. Sem o brilho do sol escaldante, minha jornada teria me custado menos energia; na verdade, agora eu me sentia perfeitamente capaz de realizar a subida que me dissuadiu ao pôr do sol. Pegando minha mochila, parti para o topo da eminência.

Eu disse que a monotonia ininterrupta da planície ondulada era uma fonte de vago horror para mim; mas acho que meu horror foi maior quando chego ao cume do monte e olhei para o outro lado, para um poço ou cânion imensurável, cujos recessos negros a lua ainda não havia subido alto o suficiente para iluminar.

Eu me senti à beira do mundo, olhando pela borda para um caos insondável da noite eterna. Em meu terror, correram curiosas reminiscências do Paraíso Perdido e da hedionda escalada de Satanás pelos reinos antiquados da escuridão.

Quando a lua subiu mais alto no céu, comecei a ver que as encostas do vale não eram tão perpendiculares quanto eu imaginava. Saliências e afloramentos de rocha proporcionaram uma sustentação bastante fácil para uma descida, enquanto depois de uma queda de algumas centenas de metros, a declividade se tornou muito gradual. Impulsionado por um impulso que definitivamente não consigo analisar, desci com dificuldade pelas rochas e fiquei na encosta mais suave abaixo, contemplando as profundezas da Estígia, onde nenhuma luz havia penetrado.

De repente, minha atenção foi capturada por um objeto vasto e singular na encosta oposta, que se elevava abruptamente cerca de cem metros à minha frente; um objeto que brilhava de branco nos raios recém-emitidos da lua ascendente. Logo me assegurei de que era apenas um gigantesco pedaço de pedra; mas tive a nítida impressão de que seu contorno e posição não eram inteiramente obra da natureza.

Um exame mais detalhado me encheu de sensações que não consigo expressar; pois, apesar de sua enorme magnitude e de sua posição em um abismo que bocejava no fundo do mar desde que o mundo era jovem, percebi, sem dúvida, que o estranho objeto era um monólito bem formado, cuja grande maioria conhecia a fabricação e talvez a adoração de criaturas vivas e pensantes.

Atordoado e assustado, mas não sem uma certa emoção pelo deleite do cientista ou do arqueólogo, examinei meu entorno mais de perto. A lua, agora perto do zênite, brilhava de forma estranha e vívida acima das imponentes íngremes que cercavam o abismo e revelou o fato de que uma grande massa de água fluía pelo fundo, serpenteando fora de vista em ambas as direções e quase batendo em meus pés enquanto eu estava na encosta.

Do outro lado do abismo, as ondas lavaram a base do monólito ciclópico; em cuja superfície eu agora podia traçar inscrições e esculturas rudimentares. A escrita estava em um sistema de hieróglifos desconhecido para mim e diferente de tudo que eu já tinha visto em livros; consistindo na maior parte de símbolos aquáticos convencionalizados, como peixes, enguias, polvos, crustáceos, moluscos, baleias e similares.

Obviamente, vários personagens representavam coisas marinhas desconhecidas no mundo moderno, mas cujas formas em decomposição eu havia observado na planície levantada pelo oceano.



No entanto, foi a escultura pictórica que mais me deixou fascinada. Claramente visíveis do outro lado da água intermediária, devido ao seu enorme tamanho, havia uma série de baixos-relevos cujos temas teriam despertado a inveja de um Doré.

Acho que essas coisas deveriam representar homens — pelo menos, um certo tipo de homem; embora as criaturas fossem mostradas se divertindo como peixes nas águas de alguma gruta marinha ou prestando homenagem em algum santuário monolítico que também parecia estar sob as ondas. De seus rostos e formas, não ousou falar em detalhes; pois a mera lembrança me faz desmaiar.

Grotescos além da imaginação de um Poe ou Bulwer, eles eram extremamente humanos em seu contorno geral, apesar de mãos e pés palmados, lábios surpreendentemente largos e flácidos, olhos vidrados e esbugalhados e outras características menos agradáveis de lembrar.

Curiosamente, eles pareciam ter sido esculpidos de forma muito desproporcional ao cenário panorâmico; pois uma das criaturas foi mostrada no ato de matar uma baleia representada como um pouco maior do que ele.

Observei, como disse, sua grotescidade e seu tamanho estranho; mas em um momento decidi que eles eram apenas os deuses imaginários de alguma tribo primitiva de pescadores ou marinheiros; alguma tribo cujo último descendente havia perecido eras antes do nascimento do primeiro ancestral do Homem de Piltdown ou Neandertal.

Impressionado com esse vislumbre inesperado de um passado além da concepção do antropólogo mais ousado, fiquei meditando enquanto a lua lançava reflexos estranhos no canal silencioso à minha frente.

Então, de repente, eu vi. Com apenas uma leve agitação para marcar sua ascensão à superfície, a coisa apareceu acima das águas escuras. Vasto, parecido com Polifemo e repugnante, ele correu como um estupendo monstro de pesadelos até o monólito, sobre o qual lançava seus gigantescos braços escamosos, enquanto inclinava sua cabeça hedionda e dava vazão a certos sons medidos. Acho que fiquei louco então.

Da minha ascensão frenética pela encosta e pelo penhasco e da minha viagem delirante de volta ao barco encalhado, lembro-me de pouco. Acredito que cantei muito e ri estranhamente quando não conseguia cantar.

Tenho lembranças indistintas de uma grande tempestade algum tempo depois de chegar ao barco; de qualquer forma, sei que ouvi trovões e outros tons que a natureza profere apenas em seu humor mais selvagem.

Quando saí das sombras, estava em um hospital de São Francisco; trazido para lá pelo capitão do navio americano que havia pego meu barco no meio do oceano. Em meu delírio, falei muito, mas descobri que minhas palavras haviam recebido pouca atenção. De qualquer agitação terrestre no Pacífico, meus socorristas não sabiam nada; nem achei necessário insistir em algo em que eu sabia que eles não podiam acreditar.

Certa vez, procurei um célebre etnólogo e o diverti com perguntas peculiares sobre a antiga lenda filisteia de Dagon, o Deus-Peixe; mas logo percebi que ele era irremediavelmente convencional, não insisti em minhas perguntas.

É à noite, especialmente quando a lua está minguante e minguante, que eu vejo a coisa. Experimentei morfina; mas a droga só deu uma cura transitória e me atraiu para suas garras como uma escrava sem esperança.

Portanto, agora vou terminar tudo, depois de escrever um relato completo das informações ou da diversão desdenhosa de meus

semelhantes. Muitas vezes me pergunto se nem tudo poderia ter sido um puro fantasma — uma mera febre enquanto eu estava deitada de sol e delirante em um barco aberto após minha fuga do homem de guerra alemão.

Isso eu me pergunto, mas sempre surge diante de mim uma visão terrivelmente vívida em resposta. Não consigo pensar no fundo do mar sem estremecer diante das coisas sem nome que, neste exato momento, podem estar rastejando e tropeçando em seu leito viscoso, adorando seus antigos ídolos de pedra e esculpindo suas próprias imagens detestáveis em obeliscos submarinos de granito encharcado de água.

Sonho com um dia em que eles possam se elevar acima das ondas para arrastar em suas garras cheirosas os restos da humanidade insignificante e exausta pela guerra — um dia em que a terra afundará e o fundo escuro do oceano subirá em meio a um pandemônio universal.

O fim está próximo. Eu ouço um barulho na porta, como um imenso corpo escorregadio batendo nela. Não me encontrará. Deus, essa mão! A janela! A janela!

---

## Créditos

Este livro foi editado e traduzido e editado por: [LIVROXANDRIA](#), seu uso é de domínio público, porém pedimos que ao compartilhar, manter sua formatação e seus créditos de edição.



**LivroXandria**